

CHAPA WADIIH PRESIDENTE
Por um PT Militante, Democrático, e Socialista

Desde a crise financeira de 2008, persiste no mundo a lógica e o discurso da austeridade como um modo de governar, sufocando qualquer tentativa de retorno — ou mesmo aspiração — a um Estado de Bem-estar Social. Nesse contexto, assistimos à ascensão da extrema-direita internacional.

Essa ascensão acontece porque a crise gerada pelo próprio modelo neoliberal de austeridade — ou “austericídio” — criou as condições necessárias para que o germe fascista rapidamente se espalhasse, em paralelo à crescente precarização do trabalho, mercantilização da vida, cortes no investimento público, desemprego e ausência de perspectivas de futuro, levando as sociedades a formas de vida marcadas pelo medo e ausência de perspectivas.

A essa tensão social, o novo fascismo respondeu com um discurso violento, xenófobo, racista, não raro pregando o extermínio das minorias e a precarização — até mesmo a brutal aniquilação — de políticas vinculadas ao fundo público.

Ao cultivar o medo na população e utilizando, para isso, o auxílio cúmplice dos grandes conglomerados de mídia, a extrema-direita vem obtendo vitórias no campo político ao se oferecer nos últimos anos como solução radical e antipolítica para garantir uma suposta “Segurança Nacional”.

As forças progressistas europeias e o Partido Democrata norte-americano pouco fizeram contra a força do Neoliberalismo e sua transformação em um novo fascismo internacional, porque se mostraram incapazes de se desembaraçar das mutações do Capitalismo e criar respostas convincentes à Crise.

Por muitos anos, foram coniventes com as políticas de austeridade e perderam o poder de apresentar alternativas capazes de mobilizar a

população contra os discursos extremistas que acompanham a perda dos Direitos.

Os efeitos da crise econômica internacional impactaram negativamente o conjunto dos países latino-americanos.

Se, por um lado, as experiências protagonizadas pelas forças de esquerda, à frente da maioria dos governos da América Latina no período recente, conseguiram retardar os efeitos da crise, por outro não demorou para que o Imperialismo buscasse, por meios e métodos os mais diversos, influir na mudança do rumo político na região.

Um exemplo disso são as chamadas “guerras híbridas”, em que agentes internos alinhados aos interesses norte-americanos desestabilizam o sistema político, jurídico e econômico de um país.

O caso mais bem-sucedido de “guerra híbrida” aconteceu justamente no Brasil. Aqui a “Lava-Jato”, sob influência do Departamento de Justiça norte-americano, e em conluio com diversas instâncias do Sistema Jurídico Brasileiro, criou condições para a eleição ilegítima de Jair Bolsonaro ao perseguir e prender ilegalmente Luiz Inácio Lula da Silva.

O coroamento do golpe, com a eleição ilegítima de Bolsonaro, aprofundou uma crise de ordem ao mesmo tempo política, econômica e ética no País.

- Os passos foram dados de forma calculada:
- a interdição irregular de Lula como Ministro indicado pela Presidenta Dilma;
- o fraudulento *impeachment* que derrubou a Presidenta;
- a escandalosa interdição da candidatura Lula a presidente da república, favorita nas pesquisas;
- a omissão da Justiça Eleitoral no tocante à investigação do uso massivo de financiamento empresarial.

Esses foram alguns dos fatores decisivos para a construção da maioria eleitoral que deu a vitória para a um governo de extrema-direita em 2018.

Nos últimos meses, os escândalos da “Vaza-Jato” não deixam mais dúvidas quanto à perseguição criminoso promovida por Sergio Moro, Deltan Dallagnol e a Força-Tarefa da “Lava-Jato”, colocando a luta pela liberdade de Lula como central para o restabelecimento do regime democrático no Brasil.

A troca de mensagens entre os procuradores da “Lava-Jato” e o ex-juiz Sérgio Moro evidenciam o quanto as classes dominantes, seu aparato estatal, o grande empresariado e o Partido da Grande Mídia estão dispostos a tudo para destruir qualquer movimento progressista e legalista, para fazer com que a Esquerda — e particularmente o PT —, não volte ao Governo Federal, nem ocupe espaços em outras instituições do Estado nas demais esferas.

A partir das condições desenhadas por este quadro desastroso, chegamos ao Rio de Janeiro, onde a eleição de Wilson Witzel para o Governo do Estado e as vitórias de Flávio Bolsonaro e Arolde de Oliveira para o Senado Federal deram lastro a expressivas bancadas estadual e federal, ligadas ao campo que apoiou o presidente eleito. O resultado é o aprofundamento da crise. A economia segue estagnada e o já altíssimo desemprego se acentua.

Enquanto isso, a violação cotidiana de Direitos Humanos se tornou política pública e cresce, de forma assustadora, a influência política das milícias.

Para enfrentar esse cenário nacional e estadual, é fundamental que o PT assuma uma postura combativa, denunciando os retrocessos impostos pela política fascista e “austericida”, mudando seus métodos de ação política e buscando se organizar em torno do Povo Trabalhador, da Juventude, dos Sindicatos, dos Movimentos Sociais e dos Partidos Progressistas.

É preciso altivez mas, também, estratégia e disposição para o diálogo, para unir os partidos de Esquerda e os Movimentos Sociais em

uma Frente Democrática e Popular que aponte para a construção de um projeto político alternativo, que deve ter como bandeiras principais:

- a luta contra a Reforma da Previdência
- uma Reforma Fiscal justa e igualitária
- uma posição contrária aos cortes orçamentários, em particular na Educação e na Saúde
- contra a venda sumária da soberania nacional, em defesa do Pré-Sal e dos recursos naturais, em defesa da Amazônia e dos povos originários, em defesa dos quilombolas e da Agricultura familiar, a defesa constitucional do caráter público e gratuito dessas políticas, dos Direitos Humanos e, é claro, pela liberdade do Presidente Lula, pelo esclarecimento do assassinato da vereadora Marielle Franco, pela liberdade para Rafael Braga, Rennan da Penha e Preta Ferreira.

Infelizmente, a direção do PT do Rio de Janeiro não vem se posicionando à altura dos desafios impostos pela atual conjuntura. Nos últimos anos, nosso Partido se mostra desprovido de políticas e propostas claras, assertivas e transformadoras; desprovido de lastro democrático interno e, em vários momentos, subordinado aos interesses da Direita local e de governos com projetos estranhos ao seu programa.

Não nos estranha a falta de resoluções oficiais sobre a relação do Partido com o Governo Witzel, porque isso permitiu à maioria de nossa bancada na ALERJ que fizesse composição com os deputados da base de apoio do Governador, em favor da eleição de André Cecilliano para presidente da Casa.

As alianças com o MDB e o apoio aos Governos Cabral e Paes, associaram nosso Partido a governos comprometidos com os setores do Grande Capital e com enormes esquemas de corrupção.

Para piorar, aprofundou a degeneração política interna com os tristes episódios envolvendo setores do PT que traíram as candidaturas de Jandira Feghali (PC do B), em 2016, e de Márcia Tiburi (PT), em 2018.

É preciso romper o imobilismo, impulsionar a oposição aos Governos Bolsonaro, Witzel e Crivella, e reconstruir os laços com o petismo programático e revolucionário, que atuou de forma combativa na campanha militante pela chapa Fernando Haddad e Manuela d'Ávila, no “Vira Voto”, no “Fora Temer”, na campanha contra a Reforma Trabalhista, e que segue atuando na campanha #LulaLivre, contra a Reforma da Previdência e os cortes na Educação.

É imperioso retomar o funcionamento militante e democrático do Partido, características que fizeram do PT a experiência política e partidária mais importante da história da Esquerda Brasileira e latino-americana.

Em suma: nos planos nacional, estadual e municipal, o PT precisa de outra orientação estratégica, preparando-se para um novo período da luta de classes no Brasil e no mundo, para uma “Nova Morfologia do Trabalho”, para desafios que se apresentam em decorrência das transformações da Comunicação, da Tecnologia e das reivindicações libertárias de raça e gênero.

Tanto o Congresso Estadual como o Congresso Nacional se constituem como oportunidades que não podemos desperdiçar para que esse debate, urgente e imprescindível, seja feito.

A linha política do atual campo majoritário esgotou-se. O PT-RJ deixou de funcionar como partido comprometido com as causas progressistas:

- não analisa a conjuntura
- não se posiciona sobre os principais temas que afetam a população fluminense
- não orienta a militância
- não é transparente com as suas próprias finanças.

Além disso, é permissivo com atitudes de filiados que confrontam o Partido com relação a seu Programa e até mesmos suas candidaturas.

Esse quadro é causa importante das nossas sucessivas derrotas políticas e eleitorais no Rio de Janeiro, mesmo quando nosso Partido vai bem na esfera nacional.

Na Capital, o abandono da Cidade e a falência dos Serviços Públicos abriram uma crise na Direita carioca. De um lado, Crivella, um prefeito que mergulhou a cidade no caos; do outro, uma Câmara com maioria fisiológica e reacionária.

É indispensável a formação de uma frente de esquerda para a construção de uma Candidatura Única da Esquerda nas eleições de 2020, para enfrentar as milícias, a corrupção, a máfia dos transportes, a especulação imobiliária, assim como a miséria e desemprego crescentes.

É urgente a adoção de uma nova linha programática que, de fato, fortaleça as lutas sociais no Estado do Rio de Janeiro e no Brasil, aprofunde o enfrentamento ao neoliberalismo “austericida” e ao fascismo, amplie a campanha pelo #LulaLivre e pelo retorno da Legalidade, pressionando as “autoridades” para que elucidem, completamente, a execução de Marielle e Anderson.

É fundamental uma nova direção, que organize e fortaleça os diretórios municipais, zonais, setoriais e núcleos, inclusive no interior, e não apenas que reúna as microrregiões às vésperas do PED, como ora se faz.

Vale dizer, uma linha política que, em 2020, tome por decisão pragmática o não-alinhamento com a Direita golpista, priorizando alianças políticas, programáticas e eleitorais, constituindo Frentes de Esquerda e projetando novas lideranças petistas nas cidades.

Urge recuperar nossa capacidade política e organizativa, para formular roteiros para Programas de Governo, com base nas nossas exitosas experiências nos executivos, o **MODO PETISTA DE GOVERNAR**, para auxiliar nas campanhas eleitorais do ano que vem e com a manutenção e ampliação do PT nas Prefeituras e Câmaras Municipais.

Dessa forma, a tese da **CHAPA WADIIH PRESIDENTE** é uma contribuição aos debates do 7º Congresso Estadual do PT do Rio de Janeiro, que ocorrerá nos dias 19 e 20 de outubro de 2019.

Do dia 22 a 24 de novembro de 2019, teremos o **7º Congresso Nacional**. Os presidentes nacional e estaduais do PT, assim como as respectivas direções, serão eleitos por votação das delegadas e delegados nos respectivos congressos.

Esses delegados serão eleitos por votação direta dos filiados nas chapas dos respectivos níveis. Presidentes de DM e, nos municípios que tiverem Diretório Zonal, serão eleitos pelo voto direto dos filiados os presidentes e as direções destas instâncias.

O PT precisa de uma **reorientação política geral** para promover o reencontro do Partido com a luta pelo Socialismo e pela Democracia.

Por isso, a **CHAPA WADIIH PRESIDENTE** defende o nome de **Wadih Damous** como presidente estadual e, reunidos com boa parte da militância, defendemos um conjunto de ações elencadas abaixo.

1. **Impulsionar a luta ideológica, social e institucional** contra a onda ultra neoliberal e fascista, que passa centralmente pela Campanha “LulaLivre”
2. **Reconstruir o Partido**, com uma posição política firme sobre os assuntos da conjuntura estadual, que oriente a base partidária para a ação, que promova o debate interno de opiniões e que seja profundamente democrático recuperando canais presenciais de expressão e decisão, bem como investindo em novos espaços de participação remota.

Para que isso seja feito, é preciso:

1. Revitalizar a **Sede do Partido** no Rio de Janeiro para que ela deixe de ser apenas um mero espaço burocrático e se converta em um centro propulsor de atividades e local aberto para receber

- proposições. A Sede como ponto de irradiação da militância por todo o Estado.
2. Fomentar e auxiliar na criação, por todo o estado do Rio de Janeiro, de espaços que promovam **Encontros de Produção Teórica e Imaginação Política**, lugares que sejam **Pontos de Escuta** dos anseios e necessidades da população local, que sirvam também como **Pontos de Construção Política**, com intenso debate de ideias sobre temas urgentes, eventos de filiação, além de programação cultural com o objetivo de estimular a presença da militância (apresentações musicais e teatrais, exibição de filmes, festas etc.).
 3. Esses **Espaços de Imaginação Política** seriam uma ampliação da política iniciada pelos **Pontos de Cultura**, polos de produção de pensamento que serviram e serviriam como usinas de ideias para a criação de alternativas programáticas, como captação e formação de novos quadros, filiados e militantes por todo o Estado.
 4. Criar alternativas programáticas que possam se traduzir em alternativas institucionais à onda ultra neoliberal, fascista e “austericida”, fomentando um amplo debate de teses sobre o papel e o lugar do Trabalho em meio ao contexto internacional de precarização e mercantilização de todos os aspectos de nossas vidas.
 5. Mobilização de uma oposição combativa ao governo de Wilson Witzel, a partir do enfrentamento de sua política de segurança pública militarista e letal. Denunciar o caráter autoritário e as diversas violações de direitos humanos e direitos civis em seu governo. Construção de um fórum permanente de acompanhamento e análise crítica das políticas para o Estado.
 6. Atuar pela conformação no Rio de Janeiro de uma **Frente de Esquerda**, com partidos e movimentos, para atuação conjunta nas lutas e nas eleições.

7. Garantir o pleno funcionamento dos Diretórios Zonais e Municipais, e das Secretarias e Setoriais do PT, enquanto **espaços de debate político e de organização da base**, que tenham atuação plena, também nos anos ímpares, e que não mais estejam subordinados ao calendário institucional dos representantes parlamentares.
8. Transparência na condução do Partido, especialmente no tocante às suas finanças, fundo eleitoral e distribuição do tempo de TV.
9. Construir uma política de formação, em conjunto com a **Escola Nacional de Formação do PT** e a **Fundação Perseu Abramo**, tendo como gestor um Coletivo Estadual vinculado à secretaria correlata.
10. Construir uma política de comunicação autônoma do Partido, articulada junto ao Diretório Nacional, para a edição periódica de um jornal impresso com outras iniciativas de comunicação de massa, como rádio e os diversos canais nas redes sociais.
11. Fomentar uma relação institucional permanente com os mandatos do PT, com o objetivo de construir diretrizes de atuação parlamentar e governamental mais coletivas e coerentes com o Programa Partidário, por meio de encontros estaduais periódicos de Prefeitos(as) e Vices, Secretários(as) Municipais, Deputados(as) estaduais e federais, e Vereadores(as).
12. Estimular e viabilizar a participação das Mulheres nos debates, formações, atividades e ações no Diretório e oferecer suporte efetivo para a candidatura de mulheres, como parte da revolução organizativa que se vincula à forma de funcionamento, mas também a organização e da relação cotidiana com as mulheres trabalhadoras.
13. Promover um Partido em que a questão racial ganhe a centralidade que a violência contra a Juventude exige.

14. Garantir a efetiva participação da Militância Negra e periférica do nosso Estado.
15. Fortalecimento da JPT e inclusão da Juventude nas instâncias deliberativas e representativas do Partido
16. Estimular e garantir a participação dos militantes LGBTI+, fortalecendo um Partido que não só anuncia o respeito à Diversidade; mas que é diverso, defende as suas pautas e luta contra a Homofobia.
17. Estipular uma meta ambiciosa e, ao mesmo tempo, factível de médio prazo para a composição de uma porcentagem relevante de representatividade feminina, negra e LGBTQI+ na legenda partidária e investir comprometidamente na formação desses quadros.
18. Desenvolvimento de iniciativas que contribuam de forma tática com a nossa estratégia para a Luta Cultural, absolutamente necessária para (re)construir uma Consciência de Classe Democrática — popular, antifascista e socialista
19. Atenção, a cada momento, à relação entre a luta social, as possibilidades de luta eleitoral e a ação institucional, atuando de forma propositiva.

L
u
l
a
L
i
v